

EDUCAÇÃO SEXUAL, SEXUALIDADE E GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL: TRILHANDO CAMINHOS PARA UMA EDUCAÇÃO EMANCIPADORA



Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

Atena
Editora
Ano 2020

EDUCAÇÃO SEXUAL, SEXUALIDADE E GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL: TRILHANDO CAMINHOS PARA UMA EDUCAÇÃO EMANCIPADORA



Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

Atena
Editora
Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás

Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Educação sexual, sexualidade e gênero e diversidade sexual

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Vanessa Mottin de Oliveira Batista
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Solange Aparecida de Souza Monteiro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E24 Educação sexual, sexualidade e gênero e diversidade sexual
/ Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro.
– Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-627-0

DOI 10.22533/at.ed.270200112

1. Educação sexual. 2. Sexualidade. 3. Gênero sexual.
4. Diversidade sexual. I. Monteiro, Solange Aparecida de
Souza (Organizadora). II. Título.

CDD 613.96

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos.

APRESENTAÇÃO

Toda prática educativa libertadora, valorizando o exercício da vontade, da decisão, da resistência, da escolha; o papel das emoções, dos sentimentos, dos desejos, dos limites; a importância da consciência na história, o sentido ético da presença humana no mundo, a compreensão da história como possibilidade jamais como determinação, é substancialmente esperançosa e, por isso mesmo, provocadora da esperança. (Paulo Freire)

Na última década, percebemos um conjunto de resistências no processo de tratamento da temática de gênero e diversidade, principalmente nas instituições escolares. Enraizado num fundamentalismo religioso, esse assunto vem sendo covardemente atacado pelas alas conservadoras da sociedade, as quais têm (re) produzido discursos de ódio na tentativa de deslegitimar e/ou distorcer esse campo de discussão. Educar numa matriz que (re)conheça a emergência do debate acerca das temáticas de gênero e diversidade no contexto escolar, consiste numa proposta de educar em direitos humanos, ou seja, educar para um processo de humanização e respeito mútuo entre os sujeitos. Sob esse viés, entendemos que a dinâmica dos espaços e das relações sociais se encontra permeada de questões, contudo, o contexto escolar por sua vez, é o lócus privilegiado para tratamento dessa temática, dada a diversidade de sujeitos/as e experiências que advém de diferentes espaços socioculturais.

As pessoas têm direito ao acesso ao conhecimento, numa permanente reflexão crítica, o que lhes possibilita avaliarem, analisarem o seu cotidiano, as suas ações e atitudes. Porque sem o acesso ao conhecimento científico não podemos ser sujeitos críticos, a educação sexual emancipatória e as teorias do pensamento crítico, pois não temos como ser críticos se formos orientados e pautados em equívocos teóricos, em erros e mentiras nas práticas vivenciadas. A partir das análises dos documentos em sua totalidade, foi registrado, a cada instante, o respaldo que a educação sexual emancipatória e uma ação pedagógica críticoreflexiva recebem desses documentos oficiais, assim como o amparo legal que docentes possuem de maneira direta ou indireta, para realizarem intervenções sobre a temática sem medos, repressões ou perseguições. Desta forma, as reflexões sobre os documentos oportunizaram observar sua potencialidade, bem como registrar algumas lacunas que podem ser reestruturadas partindo do que registramos esta pesquisa. E, assim, podemos afirmar a preocupação de ambos os documentos analisados nos aspectos da saúde humana para a vida com qualidade, com proteção e preservação à natureza e à vida humana, englobando uma visão de ser humano em sua inteireza, no mundo, junto aos outros seres.

Boa leitura!!!

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

EDUCAÇÃO SEXUAL, SEXUALIDADE, GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL: ESTEREÓTIPOS E PRECONCEITOS

Solange Aparecida de Souza Monteiro

Silmário Batista dos Santos

Célio Marcos Colombro Molteni

Fabricio Augusto Correa da Silva

Vaquiria Nicola Bandeira

Antonio Marcos Vanzeli

Débora Fernandez Antonon Silvestre

Melissa Camilo

Debora Cristina Machado Cornélio

DOI 10.22533/at.ed.2702001121

CAPÍTULO 2..... 15

A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO EM SAÚDE NA REDUÇÃO DOS CASOS DO CÂNCER DE PÊNIS EM PERNAMBUCO: REVISÃO INTEGRATIVA

Simone Souza de Freitas

Amanda Dacal Neves

Ana Beatriz Sousa Nunes

Eveliny Silva Nobre

Heloise Agnes Gomes Batista da Silva

Ilka Maria de Santana

Inalda Juliani Ferreira dos Santos

Joana D'arc Tavares do Nascimento

Jeniffer Emidio de Almeida

Luis Felipe da Silva Medeiros

Marcella Brianni de Araújo Gomes

Nathalia Nascimento Gouveia

Maria Ramona da Penha Carvalho

Shelma Feitosa dos Santos

Tayanne Kettyne Silva Santos

Victor Hugo Silva de Lima

DOI 10.22533/at.ed.2702001122

CAPÍTULO 3..... 24

CONSTRUÇÃO DE UM DOCUMENTÁRIO SOBRE A CONVIVÊNCIA DA POPULAÇÃO LGBTQIA+ COM FAMÍLIA

Isael Cavalcante Silva

Ivanete Silva de Sousa

Francisca Francimar Araújo Pinheiro

Maria Conceição Batista de Oliveira

Vitória Kísla Brasil Barros

Elisabeth Soares Pereira da Silva

DOI 10.22533/at.ed.2702001123

CAPÍTULO 4.....	31
ADOÇÃO DE CRIANÇAS POR CASAS HOMOAFETIVOS: REFLEXÃO CRÍTICA SOBRE A RELAÇÃO ESCOLA-FAMÍLIA	
Elvira Simões Barretto	
Lenilda Inácio dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.2702001124	
CAPÍTULO 5.....	44
A REPRESSÃO DO GÊNERO LEGITIMADA PELA CULTURA MILITAR: UMA VISÃO ATRAVÉS DA POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO	
Ana Margareth Moreira Mendes Cosenza	
Samya Cotta Brandão Siqueira	
DOI 10.22533/at.ed.2702001125	
CAPÍTULO 6.....	57
CONSTRUCCIÓN DE IMAGEN DE GÉNERO EN EL CONTEXTO ESCOLAR Y FAMILIAR. PERCEPCIÓN DE FUNCIONARIAS DE UNA UNIVERSIDAD DE PARAGUAY	
Karen Natali Backes dos Santos	
María Victoria Zavala Saucedo	
DOI 10.22533/at.ed.2702001126	
CAPÍTULO 7.....	72
EVOLUÇÃO DO MOVIMENTO FEMINISTA NO BRASIL: UMA ABORDAGEM A PARTIR DA DITADURA MILITAR	
Gislene Quaresma Oliva	
Maria da Luz Alves Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.2702001127	
CAPÍTULO 8.....	83
PARA ALÉM DA REPRESENTATIVIDADE: A RELEVÂNCIA DE PABLO VITTAR E LUDMILLA PARA A POPULAÇÃO LGBTQI+	
Lara Muniz Araujo	
Isabella Perrotta	
Diego Santos Vieira de Jesus	
DOI 10.22533/at.ed.2702001128	
CAPÍTULO 9.....	96
PARTICIPACIÓN DE LA MUJER EN CARGOS DIRECTIVOS EN UNA INSTITUCIÓN DE EDUCACIÓN SUPERIOR DE GESTIÓN PÚBLICA – CIUDAD DEL ESTE - PARAGUAY	
Karen Natali Backes dos Santos	
María Victoria Zavala Saucedo	
DOI 10.22533/at.ed.2702001129	
CAPÍTULO 10.....	107
POLÍTICAS PÚBLICAS PARA MULHERES E OS DESAFIOS À VISIBILIDADE	
Nelmires Ferreira da Silva	

DOI 10.22533/at.ed.27020011210

CAPÍTULO 11 118

UMA ANÁLISE DAS INTERSECCIONALIDADES A PARTIR DAS MULHERES QUE MIGRAM INTERNAMENTE PARA TRABALHAR COMO DOMÉSTICAS

Guélmer Júnior Almeida de Faria

Maria da Luz Alves Ferreira

Andrea Maria Narciso Rocha de Paula

DOI 10.22533/at.ed.27020011211

CAPÍTULO 12 130

A CONSTRUÇÃO DE GÊNERO E SEXUALIDADE NO ESPAÇO DA CRECHE

Ana Rosa Costa Picanço Moreira

DOI 10.22533/at.ed.27020011212

CAPÍTULO 13 137

DESAFIOS ENFRENTADOS PELOS EDUCADORES ACERCA DA VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇAS: TABUS E FORMAÇÃO

Edna Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.27020011213

SOBRE A ORGANIZADORA 149

ÍNDICE REMISSIVO 150

CAPÍTULO 8

PARA ALÉM DA REPRESENTATIVIDADE: A RELEVÂNCIA DE PABLO VITTAR E LUDMILLA PARA A POPULAÇÃO LGBTQI+

Data de aceite: 27/11/2020

Lara Muniz Araujo

Escola Superior de Propaganda e Marketing do Rio de Janeiro (ESPM-Rio)
ID Lattes: 0713503260400384

Isabella Perrotta

Docente e pesquisadora do Programa de Mestrado Profissional em Gestão da Economia Criativa da Escola Superior de Propaganda e Marketing do Rio de Janeiro (ESPM-Rio)
ID Lattes: 0405484529521542

Diego Santos Vieira de Jesus

Docente e pesquisador do Programa de Mestrado Profissional em Gestão da Economia Criativa da Escola Superior de Propaganda e Marketing do Rio de Janeiro (ESPM-Rio)
<http://lattes.cnpq.br/6322729232079325>

RESUMO: O objetivo do artigo é analisar as percepções dos fãs das cantoras Pablo Vittar e Ludmilla sobre a militância, a relação entre vida privada e pública e a configuração de seus trabalhos em seus papéis artístico e social. Pretende-se também focar no entendimento da forma como a presença dessas cantoras na mídia impacta o público LGBTQI+ que busca por representatividade e pode, inspirado nelas, lutar por sua emancipação em relação aos padrões patriarcais e heteronormativos.

PALAVRAS-CHAVE: Representatividade; População LGBTQI+; Pablo Vittar; Ludmilla.

BEYOND REPRESENTATIVENESS: THE RELEVANCE OF PABLO VITTAR AND LUDMILLA TO THE LGBTQI + POPULATION

ABSTRACT: The aim of the article is to analyze the perceptions of fans of the singers Pablo Vittar and Ludmilla about militancy, the relationship between private and public life and the configuration of their work in their artistic and social roles. It is also intended to focus on understanding how the presence of these singers in the media impacts the LGBTQI + audience that seeks representation and can, inspired by them, fight for its emancipation in relation to patriarchal and heteronormative standards.

KEYWORDS: Representativeness; LGBTQI + population; Pablo Vittar; Ludmilla.

INTRODUÇÃO

A luta por representatividade de tantos grupos sociais vem conquistando espaços midiáticos com abordagens mais inclusivas e conscientes, de forma que pessoas como as integrantes da população LGBTQI+ tenham representantes que sejam exemplos em quem seu público se inspire e se identifique, visando à ampliação de suas autoestima e liberdade para expressar valores e identidades. Para além da representatividade, essa luta aponta para a desestabilização dos valores e padrões machistas, misóginos e heteronormativos de uma sociedade conservadora. Quando nos deparamos com uma figura em destaque, que

foge dos estereótipos tradicionalmente impostos, representamos uma grande parcela da população que existe, mas, antes disso, era e ainda é marginalizada e inferiorizada. Busca-se gerar mais empatia e facilitar o diálogo e o entendimento das necessidades do Outro.

Partindo desse cenário, essa pesquisa tomou como objeto de estudo duas artistas que ganharam muita relevância no cenário da música brasileira e na mídia: Pablio Vittar e Ludmilla. A primeira é um homem gay e drag queen; a segunda é bissexual, preta e periférica. No Brasil, o grande destaque da cultura drag, principalmente sobre a perspectiva do alcance midiático, é Pablio Vittar. De São Luís do Maranhão, Phabullo Rodrigues da Silva tem 25 anos e começou a fazer sucesso embrionário na internet quando postava vídeos caseiros cantando músicas famosas (“covers”). Em 2015, já como drag queen, viralizou após lançar um videoclipe com a releitura chamada “Open Bar”, de uma música internacional que era um hit no momento. Em 2016, foi contratada como vocalista da banda do programa “Amor e Sexo”, na Rede Globo, ganhando relevância e notoriedade para o grande público. Em janeiro de 2017, lançou “Vai passar mal”, seu primeiro álbum, que continha composições que abordam sensualidade e relações amorosas, reconhecíveis pelo grande público, e transitam entre o pop-dance e o tecnobrega. Já bastante reconhecida no meio LGBTQI+, sua popularidade se expandiu de maneira exponencial para o mainstream após o Carnaval desse mesmo ano, quando “Todo dia”, sua colaboração com o rapper Rico Dalasam, foi considerada o hit da festa. A partir daí, os meios de comunicação desempenharam um papel importante ao explorar a sua imagem como um símbolo de diversidade. Vittar estampou capas de revistas famosas – algumas tradicionalmente voltadas ao público feminino – e foi tema de reportagens internacionais, com destaque para a Billboard, revista norte-americana especializada na indústria musical. Ganhou o prêmio de música do ano no programa “Domingão do Faustão”, teve música na trilha sonora da novela “O outro lado do paraíso” da Rede Globo, na qual a cantora também fez uma participação no último capítulo; e, antes, já havia participado de outra novela das nove na emissora. Mais recentemente, apresentou o programa “Prazer, Pablio Vittar”, no canal Multishow. Na cena musical, Vittar tem colecionado parcerias: Anitta, Glória Groove, Aretuza Lovi, Preta Gil, Mateus Carrilho e Alice Caymmi. Dentre elas, cabe também citar os internacionais Diplo e Charlie XCX e Luan Santana, Simone e Simaria e Lucas Lucco – esses três últimos, cantores sertanejos, estilo musical tradicionalmente classificado como heteronormativo. Nas redes sociais, acumula números expressivos de seguidores.

Ludmilla, a primogênita de uma família com três filhos, já acompanhava a família nas rodas de samba. Entretanto, foi no gênero do funk em que combinou dança e música. Aos 16 anos, lançou na internet o single “Fala Mal de Mim”, que tinha

a melodia marcante e um refrão impactante. Ao assinar a autoria da composição, escolheu como nome artístico “MC Beyoncé”. A partir desse momento, Ludmilla começou a ficar conhecida nas redes sociais e estreou sua agenda de shows. Seu primeiro como MC Beyoncé foi em São Paulo, em 2012. Desde então, a carreira de Ludmilla acumula sucessos. Em 2014, ela assinou contrato com a Warner Music e abandonou o nome artístico de MC Beyoncé, cantando vários estilos. Além de cantora e dançarina, ela domina a arte de compor músicas dançantes. A espontaneidade e a objetividade são traços marcantes da cantora. Em 2013, no programa “De Frente com Gabi”, ela respondeu à Marília Gabriela qual seria o seu maior medo na vida: “Cair de moto e me ralar toda”. Essas e outras falas viraram memes de sucesso nas redes sociais e são falados até hoje. Como destaque na carreira, 2019 foi um ano de muitas conquistas memoráveis para a Ludmilla. Em setembro, Rihanna (outra artista internacional de sucesso, da qual Ludmilla é fã) abriu o desfile de sua grife de roupas íntimas, em Nova Iorque, com a música “Malokera”, um hit da brasileira. Ainda nesse ano, a cantora lançou seu primeiro DVD, “Hello Mundo”, ganhou o Show dos Famosos no Faustão, gravou com a rapper americana Cardi B, apresentou-se no Rock in Rio ao lado da Funk Orquestra, foi a primeira artista negra a ganhar o Prêmio Multishow na categoria de melhor cantora e assumiu publicamente o namoro com a bailarina Brunna Gonçalves, com quem se casou.

O desenvolvimento deste trabalho parte do interesse em construir um contexto que compreenda a organização LGBTQI+ enquanto movimento social de resistência e entender qual é a importância de se buscar a emancipação dessa população para além da representatividade. A partir daí, apontando para perspectivas sobre a construção dos processos de representação da diversidade, buscamos analisar as percepções dos fãs sobre Pablo Vittar e Ludmilla acerca da militância, da relação entre vida privada e pública e da configuração de seus trabalhos em seus papéis artístico e social. Pretende-se, finalmente, focar no entendimento da forma como a presença dessas figuras na mídia impacta o público LGBTQI+ que busca por representatividade e pode, inspirado nelas, lutar por sua emancipação em relação aos padrões patriarcais e heteronormativos.

REFERENCIAL TEÓRICO

A formação de identidades é considerada “o processo de construção de significado com base em um atributo cultural” (CASTELLS, 2000, p. 22). Se considerarmos, portanto, que qualquer e toda identidade é construída a partir de contextos de relações sociais de poder, Castells (2000) separa em três formas e origens essa construção para explicar, a partir daí, como, por quem, para quem e a partir de quê ela se dá. Seriam essas identidades a) identidade legitimadora:

promovida por instituições dominantes com o objetivo de expandir seu poder de dominação; b) identidade de resistência: criada por indivíduos dominados por e para sobreviver a uma lógica dominante; c) identidade de projeto: construção de uma identidade que não apenas resista, mas busque por uma transformação na estrutura social.

Segundo o autor, cada uma dessas construções funciona como um dispositivo que, no fim, busca alcançar determinados benefícios, e nenhuma delas se encerra em uma essência. Já Bauman (2012) fala sobre a formação das identidades, no período da modernidade, como um campo de eterna negociação social. Segundo ele, isso representa que algumas interfaces da identidade de um indivíduo são frutos da sua própria vontade, ao mesmo tempo em que outras vêm de influências externas. Portanto, o processo dessa formação de identidade segue um caminho muito completo de significação do “eu” e uma busca pela identidade social, por meio da qual a pessoa se sinta integrada e incorporada ao ambiente em que vive (BAUMAN, 2012). Estaríamos, portanto, todos em um longo e contínuo processo de reinvenção – no qual um mesmo indivíduo poderia ser capaz de acionar diversas identidades.

Ao considerar a questão da formação da identidade como um processo de subjetivação, Hall (2000) trabalha com um conceito diferente de identificação, uma vez que essa não seria o reconhecimento de uma origem comum e de características compartilhadas. Nesse caso, a identificação do indivíduo seria algo “em constante processo”. De acordo com o autor, ela nunca é completamente determinada – no sentido de que se pode sempre “ganhá-la” ou “perdê-la” (HALL, 2000). Visto isso, as identidades seriam temporárias, como se fossem pontos de identificação e apego fragmentados e historicamente localizados, que mudam com o passar do tempo. Dessa forma, as formações de unidades de identidade não funcionam, uma vez que são consequências de jogos de poder e, portanto, têm capacidade para excluir, deixar de fora e transformar o diferente em “exterior” ou “abjeto” (HALL, 2000, p.110).

Ainda dentro da composição das identidades, a sexualidade não deve ser entendida e vista como algo dado pela natureza, ou seja, inerente ao ser humano. Ela envolve processos plurais e culturais, como linguagens, representações, fantasias, símbolos e rituais. Além disso, é importante destacar que as inscrições de gênero – feminino ou masculino – é feita no contexto de uma determinada cultura, sendo as identidades gênero e sexuais compostas e definidas por relações sociais moldadas por redes de poder de uma sociedade (LOURO, 2010). Vale ressaltar que, até a década de 1960, tais identidades ainda eram vistas e tratadas como componentes naturais do ser humano e, por isso, poderiam ser analisadas e explicadas por áreas de conhecimento como Medicina, Psicanálise e Biologia. Com os movimentos libertários que começaram naquela década, a sexualidade passou a ser estudada

como histórica, marcada e modificada por jogos de poder. De forma mais objetiva, ela deixou de ser uma natureza à espera de ser descoberta e conhecida e passou a ser considerada como um dispositivo histórico caracterizado por uma grande rede da superfície, em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências e a construção dos conhecimentos encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder. (FOUCAULT, 1988).

Além da legitimação da sexualidade nas dimensões social e política, o controle dos discursos sobre o sexo, segundo Foucault (1988), resultou também na disciplina dos corpos, que foram submetidos a limitações e proibições ao longo do tempo. Isso aconteceu porque múltiplas vivências da homossexualidade foram sintetizadas em uma identidade que passou a constituir uma ameaça à manutenção dos valores e da moralidade responsáveis por toda uma ordem e visão de mundo – o chamado conservadorismo e valores “tradicionais”. Voltamos, portanto, ao discurso de Louro (2000), que disserta sobre o processo de produção de sexualidades “normais” por meio de dispositivos de poder. A autora sugere que as identidades de gênero e sexual parecem ser a referência mais segura para que o sujeito se represente na sociedade moderna ocidental. Devido a isso, parece mais difícil compreendê-las como fluidas e inconstantes, se comparadas com outras identidades que, socialmente, são mais aceitas como variáveis – como, por exemplo, a relacionada à classe social. O corpo se torna o receptor de “marcas” de identidades e das diferenças, e é por meio de como ele se apresenta e se expressa que aprendemos a classificar os sujeitos – seria a maneira de interpretamos quem a pessoa é. Essas marcas seriam o resultado de um investimento de instituições sociais – tais como família, escola, mídia, igreja e leis – em uma pedagogia da sexualidade que atua “reiterando identidades e práticas hegemônicas enquanto subordina, nega ou recusa outras identidades e práticas” (LOURO, 2000, p.19).

Como consequência disso, o sujeito que caminha entre essas instituições de poder desde criança apreende marcas de referência que o formam dentro de categorias binárias como homem/mulher, masculino/feminino, heterossexual/homossexual. A consequência mais contundente desses jogos de poder foi o estabelecimento da heterossexualidade compulsória como o padrão de vivência da sexualidade. Ela é compulsória, pois é vista como algo “natural”, como “a única opção”. Na prática, o resultado que obtemos é a heteronormatividade, guiada por um modelo de vida heterossexual, familiar e reprodutivo, ou seja, uma construção cultural imposta moralmente sobre todos e enraizada desde o nosso nascimento. A homossexualidade, assim como qualquer dissidência que se afaste desse modelo, torna-se, portanto, uma atitude política, uma vez que deve lutar contra um sistema de violência simbólica, que nega sua existência pública e legítima.

A representatividade na mídia deve significar dizer que linguística e culturalmente vamos representando os diferentes segmentos da vida social e construindo identidades. Isso reforça o entendimento da representação como uma forma de conhecimento das formas de se construírem significados culturais por meio dos quais o mundo, a vida e os sujeitos são produzidos e orientados a tomar posicionamentos. A representação anda lado a lado aos modos de ser, e esses modos de ser são, portanto, linguística e discursivamente produzidos. A partir daí, a representatividade torna-se elemento fundamental para que, uma vez conscientes de seu papel na sociedade e dos mecanismos que os oprimem, os sujeitos possam caminhar para além dela e buscar a luta pela sua emancipação em relação às formas de dominação impostas a eles pelas hierarquias sociais.

METODOLOGIA

Optamos pela realização de uma pesquisa de caráter exploratório, que pode ser definida como “aquela que tem como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou descoberta de intuições. Esse tipo de pesquisa envolve (a) levantamento bibliográfico e de outros dados secundários; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que estimulem a compreensão” (GIL, 2002, p.41).

A fim de buscar maior compreensão sobre a percepção que as pessoas em geral têm dessas duas artistas, elaboramos uma enquete com a pergunta “Quais são as três primeiras palavras que vêm à sua cabeça ao pensar na Pablla Vittar?” e “Quais são as três primeiras palavras que vêm à sua cabeça ao pensar na Ludmilla?”. A intenção aqui foi entender, primeiramente, qual era a orientação sexual da pessoa, sua faixa etária e, depois, sua percepção sobre as duas perguntas. Analisamos as 100 respostas obtidas por meio de um formulário do Google.

A enquete foi realizada via contatos do WhatsApp e grupos LGBTQI+ do Facebook. Pelo WhatsApp, a enquete foi enviada individualmente para pessoas de idade entre 18 e 30 anos, com diversas orientações sexuais. Nos grupos do Facebook, a enquete foi enviada como publicação dos autores e tinha livre acesso para os membros participantes. Estes, em sua totalidade, são integrantes da população LGBTQI+ e residentes da cidade do Rio de Janeiro.

Por fim, realizamos entrevistas elaboradas a partir de um roteiro semiestruturado para cinco fãs que possuem histórias, gêneros, orientações sexuais, idades e locais de fala diferentes dentro da população LGBTQI+. O propósito foi compreender a percepção que eles têm sobre representatividade e, além disso, como eles se posicionam em relação à representatividade de Pablla Vittar e Ludmilla. Os entrevistados foram considerados como depoentes A, B, C, D e E,

sendo o primeiro entrevistado o depoente A e assim sucessivamente. Especificando suas idades, orientações sexuais e o gênero com qual eles se identificam, temos:

Depoente A) 26 anos, bissexual, do gênero feminino;

Depoente B) 30 anos, bissexual, do gênero masculino;

Depoente C) 24 anos, homossexual, do gênero masculino;

Depoente D) 22 anos, homossexual, do gênero masculino;

Depoente E) 28 anos, homossexual, do gênero feminino.

RESULTADOS E ANÁLISE

Na enquete, a primeira pergunta foi “Com qual gênero você se identifica?”. Como resultado, 63% dos entrevistados se identificam com o gênero feminino, seguido de 32% com o masculino, 3% como pessoa transgênero e 2% preferiu não comentar. A segunda pergunta foi “Qual sua orientação sexual?”, e como resultado obtivemos 33% dos respondentes se identificando como heterossexuais; 31% como homossexuais; 29% como bissexuais; 5% pansexuais; 1% como demissexual e 1% que preferiu não definir. A terceira pergunta foi “Qual sua idade?”, a fim de perceber se os respondentes correspondiam ao perfil dos maiores consumidores/públicos das artistas em questão, o público jovem. Como resposta, obtivemos 49% de jovens entre 22 e 24 anos; seguido por jovens de 18 a 21, representando 18%; também foi significativo o número de jovens de 25 a 27 e 28 a 30 anos demonstrando um total de 13% cada. Por fim, o número de respondentes com 30 anos ou mais foi menos expressivo e representou apenas 7% do público.

Sabendo disso, os respondentes foram confrontados com as duas últimas perguntas referentes à percepção que eles têm sobre Pablo Vittar e Ludmilla. Utilizamos as questões “Quais são as três primeiras palavras que vêm à sua cabeça ao pensar na Pablo Vittar?” e “Quais são as três primeiras palavras que vêm à sua cabeça ao pensar na Ludmilla?”, nas quais os respondentes poderiam escrever por extenso o que viesse à cabeça deles. A intenção aqui era entender quais são as primeiras palavras que as pessoas associam quando pensam nelas, entender o que elas significam e representam dentro do contexto da pesquisa e, por último, relacioná-las ao objetivo deste trabalho, que é entender a representatividade das duas para a população LGBTQI+.

Os resultados obtidos apontam que as 10 palavras que mais apareceram sobre Pablo Vittar foram, em ordem da que mais foi citada para a menos, ‘Drag’ (39x); ‘Representatividade’ (28x); ‘Música’ (23x); ‘Pop’ (16x); ‘Cantor/cantora’ (10x); ‘gay/homossexual’ (8x); ‘LGBT’ (6x); ‘poder/poderosa’ (6x); ‘Diva’ (6x); ‘Arista’ (6x).

A palavra ‘drag’ ter aparecido 39x comprova que a maioria das pessoas que responderam reconhece a categoria em que a artista se enquadra, isto é, veem-

na como uma cantora drag, não como travesti ou mulher transexual, categorias consideradas muitas vezes “similares” por quem não entende as variações dentro do universo LGBTQI+. A importância de essa palavra ter aparecido é justamente perceber que, dentro do universo pesquisado, o público entende e associa a imagem da artista com a principal característica que ela é e levanta como cantora. Sobre a segunda palavra mais citada, ‘representatividade’, que representa que 28% dos respondentes, pode-se dizer que eles associam a imagem da cantora como um símbolo de representatividade. Isso demonstra que ela, para além de talento, ainda tem mais a oferecer para o público, que é a chance de estar presente em lugares que antes não eram ocupados por pessoas que são assumidamente membros da população LGBTQI+.

A terceira palavra mais citada, e que apareceu em 23 respostas, é ‘música’. A opinião dessas pessoas mostra a dificuldade de se pensar na Pablla Vittar sem associá-la à música, uma vez que essa é a sua principal atividade. Como cantora, a artista vive de música, compõe, produz e lança. ‘Pop’ foi a quarta palavra mais citada, sendo representada em 16% das respostas. A artista está inserida no universo musical, e, dentro desse universo, no gênero pop. As outras seis palavras mais citadas foram ‘cantora’, ‘gay’, ‘LGBT’, ‘poderosa’, ‘diva’ e ‘artista’. Dentre essas, vamos separá-las em dois conjuntos: o primeiro sobre palavras positivas que reforçam como a artista é vista pelo público respondente; e a segunda também sobre como ela é vista, mas mais especificamente como símbolo representativo.

Para o primeiro conjunto, englobamos ‘cantora, diva e artista’. Essas três palavras representam sobretudo aspectos positivos que expressam como ela é vista, ou seja, Vittar é uma cantora e, além disso, também é diva e artista. Artista aqui não foi considerado somente como aquele que tem habilidade ou vocação artística, mas demonstra, na verdade, aquele que exerce alguma arte com gosto e a executa da melhor maneira possível.

Sobre o segundo conjunto, formado por ‘LGBT, gay, poderosa’, consideramos-lo como uma maneira de entender que as pessoas reconhecem a categoria da artista dentro da comunidade, e isso a torna ainda mais legítima no que faz. Para além disso, ‘poderosa’ vem com uma interpretação de que Vittar conseguiu, ainda estando em um lugar que muitas vezes é marginalizado pela sociedade, ter poder, isto é, ser icônica e representar a população LGBTQI+ ao estar em patamar de destaque na mídia.

Além disso, é importante ressaltar que 99 comentários foram considerados positivos, uma vez que exaltaram a cantora, tanto na dimensão estética (‘bonita’, ‘sensual’, ‘gostosa’, entre outras palavras que apareceram) como na comportamental. Palavras como ‘sensata’, ‘respeito’, ‘determinada’ e ‘influência’ mostram que a artista consegue manter um discurso bem claro, explicativo e influenciador. Verificamos,

assim, que Vittar realmente passa a imagem de ícone LGBTQI+, formadora de opinião e defensora dos direitos das minorias. As pessoas reconheceram que a representatividade dela é importante e tem potencial para emancipar pessoas para que sejam elas mesmas e vejam, por meio da artista, que é possível conquistar mais espaços de destaque e prestígio.

Quanto à cantora Ludmilla, as 10 palavras que mais apareceram foram, em ordem da mais citada para a menos, Funk (41x); Verdinha (20x); Lésbica/Sapatão (20x); Representatividade (16x); Cantora (13x); Música (12x); Negra (12x); Beyoncé (12x); Talento (5x); Luta (5x). A relevância da palavra mais citada (funk), que esteve presente em 41% das repostas, representa o quanto a artista ainda é lembrada pelo começo da sua carreira – marcado pelo gênero musical. Ainda que suas músicas e seus últimos lançamentos estejam perpassando outros estilos musicais, como o pop e o pagode, a cantora manteve a imagem, para os respondentes, de que está atrelada essencialmente ao funk.

A segunda e a terceira palavras mais citadas foram ‘verdinha’ e ‘lésbica/sapatão’. A primeira palavra é referência à música lançada por Ludmilla em novembro de 2019. “Verdinha” já conta com mais de 71 milhões de visualizações no YouTube em maio de 2020 e 51 milhões de plays no Spotify. O sucesso de “Verdinha” veio acompanhado de muitas conquistas e inclusive foi considerada uma das músicas hit do Carnaval de 2020. Quanto às palavras ‘lésbica’ e ‘sapatão’, que também obtiveram grande destaque, cabe destacar que a cantora se assumiu lésbica há menos de um ano e já é vista como figura emblemática LGBTQI+. A aparição repetida dessas palavras nas respostas revela que a orientação sexual da cantora é importante e notada pelas pessoas. O público já associa a imagem da artista com a sua sexualidade. Uma vez que ela é defensora e porta-voz da população LGBTQI+, perceber que as pessoas reconhecem e percebem isso nela é relevante para o estudo.

A palavra ‘representatividade’ vem em seguida e abarca 16% das repostas. Assim como com Vittar, a palavra aqui aponta para a possibilidade de que pessoas que, de alguma forma, se reconheçam ou se identifiquem com a história, sexualidade ou cor da pele da cantora se emancipem de relações sociais que as inferiorizam. Com as repostas, podemos apontar que a artista é considerada um símbolo dessa representatividade. As seis palavras restantes serão analisadas assim como o caso de Vittar, divididas em dois grupos: o primeiro contém as palavras ‘cantora’ (13x); ‘música’ (12x) e ‘talento’ (5x); o segundo contém ‘Beyoncé’ (12x), ‘negra’ (12x) e ‘luta’ (5x). O primeiro fala sobre as pessoas associarem a artista com a música e musicalidade. O segundo diz respeito ao fato de as pessoas associarem Ludmilla com suas origens e sua representatividade. Analisando o primeiro grupo, as palavras aparecem mesmo como forma de expressar que a artista canta e se expressa por

meio da música. Além disso, é admirada por fazer seu trabalho da maneira que já vem fazendo: com talento, qualidade e ousadia. O segundo conjunto de palavras representa que a cantora é reconhecida como artista mulher negra, que precisou lutar para chegar aonde chegou, enfrentar as dificuldades e preconceitos de uma sociedade racista, machista e patriarcal, que condena ainda mais as pessoas periféricas pelo tom da pele e pela condição financeira. Além disso, representa que as pessoas associam sua imagem atual à sua origem, que é de MC Beyoncé, de onde veio todo o sucesso. Foi importante entender que a artista continua resgatando na memória das pessoas o local do qual veio e o funk na periferia.

Como atributos negativos, pôde-se identificar ‘invejosa’ e ‘bolsominion’, que apareceram somente uma vez cada nas respostas. A primeira foi interpretada como um atributo negativo que algumas pessoas associam à Ludmilla, uma vez que, depois que ela e a cantora Anitta se desentenderam, a palavra se tornou comum entre os fãs da última artista para se referir à Ludmilla. A segunda palavra foi classificada como negativa, uma vez que ‘bolsominions’ são eleitores do atual presidente da república Jair Bolsonaro, que faz recorrentemente ataques à população LGBTQI+.

No geral, as respostas positivas compuseram 84% do total. Além disso, é importante destacar que outras palavras que não foram citadas na análise, mas estão presentes neste documento, como ‘empoderada’, ‘favela’, ‘feminismo’, ‘periferia’, ‘força’, ‘liberdade’, demonstram como a cantora é vista pelos respondentes. O fato de as pessoas enxergarem a artista como uma mulher periférica, livre e feminista mostra que Ludmilla conquistou muitos espaços, mesmo que tenha vindo de uma minoria que vive em desvantagem, tanto no Brasil quanto em outros lugares do mundo.

Ao analisarmos os resultados das entrevistas, foi possível perceber que, ao serem questionados sobre o sentido de “representatividade”, os entrevistados apontaram diferentes sentidos. Para desenvolvermos mais claramente a análise, separamos a representatividade em duas categorias diferentes: a primeira se refere a um significado mais prático da palavra e mais literal, que é conseguir enxergar pessoas com a sua condição, características e opiniões em determinados lugares de poder. A segunda categoria consiste em um significado mais profundo do que abrir espaços, diálogos ou debates: é um lugar sensível de salvar vidas e emancipar pessoas. Muitas pessoas que estão inseridas em lugares de privilégios não conseguem enxergar a importância da representatividade, pois não vivem na prática o preconceito, as desvantagens e a desigualdade que existem no Brasil e no mundo. Segundo o Depoente C, por exemplo

Representatividade é tudo! É muito engraçado quando você se reconhece como um ser humano no mundo e como você pode lidar com isso. Eu sempre falo para as pessoas que ninguém nunca nos

ensinou, passa para a gente uma cartilha de como deve ser a vida, como você deve se portar, como você deve se reconhecer e que aí a gente vai descobrindo isso sozinho. E por vezes, a gente descobre da pior maneira, mas no final das contas se torna a melhor maneira porque você consegue entender qual é o tipo de ocupação que você tem no espaço que você vive. No meu caso, eu falo que eu sou várias minorias num só. Eu digo que eu sou negro, eu sou gay, eu sou gordo e eu sou periférico, e são várias coisas, que até no final do dia quando você deita a cabeça no travesseiro, você fala assim “Cara, está tudo bem!”, e realmente está tudo bem. Porque é isso, você está em paz contigo, sabe? Eu acho que a representatividade é basicamente isso. Você se reconhecer como pessoa (DEPOENTE C, 2020).

Quando perguntados sobre a importância que eles dão a artistas que se posicionam na luta LGBTQI+, os entrevistados mostraram que enxergam como essencial e que, de fato, tal engajamento faz total diferença. De acordo com eles, isso faz com que as pessoas da população LGBTQI+ se sintam à vontade para consumir o produto de um artista e se enxergar no que eles estão propondo. É sobre se sentir confortável ao ouvir a música, dançar e se expressar. É como se a arte daquele artista se tornasse mais um elemento do universo daquela pessoa. Visto que a música é também um lugar de opinião, não há como ignorar o posicionamento do artista. Um depoente classificou os artistas em dois grupos distintos: o primeiro é formado por artistas que se posicionam e colocam esse posicionamento nas suas composições. Como exemplo, temos o cantor Jhonny Hooker, cujo maior sucesso da carreira é uma música em que fala sobre um relacionamento entre dois homens. O segundo é formado por artistas que não deixam explícito em suas composições, mas manifestam de outras formas o apoio ao movimento LGBTQI+. Ele, no final, disse que consegue consumir ambos, uma vez que se identifica, seja por meio das músicas ou da figura, com o artista. O depoente B afirma que

[...] me gera um incômodo grande quando uma determinada personalidade simplesmente se abstém de entrar nesse tipo de diálogo... existem determinadas discussões que quando você se torna uma pessoa pública você é obrigado a dar o seu posicionamento para o seu público. Isso é muito cobrado. Então hoje um artista que não se posiciona a favor das causas LGBTQI+, um artista que não valoriza a cultura nacional, um artista que é pró Bolsonaro... Cara, eu não ouço de verdade! Por mais que eu goste muito da música! Eu não sei... a cultura do cancelamento tem que ser questionada de várias formas, e mais do que isso eu acho que as pessoas têm que estar abertas a ouvir. É entender que todo mundo vive um processo de desconstrução e aprendizado, e que possivelmente as pessoas vão errar ao longo do caminho, e a gente precisa aceitar quando elas querem corrigir tudo mais. Eu tenho uma dificuldade pessoal bizarra de olhar para um artista desses e querer consumir... cara, com alguns artistas eu tirei rapidinho das minhas playlists porque não consigo ouvir [...] assim, o cara é pró Bolsonaro, dá um milhão de depoimentos

mega homofóbicos, é pró arma... não tem como, juro! Não tem como consumir um conteúdo gerado por uma pessoa dessa (DEPOENTE B, 2020).

Vittar e Ludmilla são, segundo todos os entrevistados, artistas que representam muito a maioria das causas sociais pelas quais a sociedade vem lutando e debatendo, que estão em pauta na atualidade. Quando se fala sobre LGBTQI+fobia e inclusão, as duas representam muito bem esses lugares: Ludmilla é uma mulher preta e LGBTQI+ que ascendeu socialmente; Pablo Vittar, por ser gay e drag queen. A comoção que elas causam é evidente na vida de pessoas que têm uma realidade próxima das delas e que buscam, de certa forma, também viver novas vidas e realidades. É possível ver, de fato, a importância da representatividade, que vai para um viés de buscar, a partir dessas personalidades, meios para mudar a sociedade na direção de um mundo com mais oportunidades. A importância da presença delas em destaque é mostrar que é possível ocupar espaços sociais negados pelos preconceitos e hierarquias que se erguem contra essas pessoas por conta de sua identidade de gênero, orientação sexual, origem, raça ou renda. O depoente B afirma que

[...] A gente volta na história da representatividade, que é conseguir mostrar que é possível ocupar esses espaços. [...] Quando você olha pra Pablo e Glória, você pensa “poxa, só tem elas”, mas não! Assim, aí tem a Kika Boom, a Kaya Conky, tem outras drags surgindo com seus regionalismos. Tem a Lia Clarck, aí você sai do movimento drag e vai para o das mulheres trans que estão cantando, aí vem a Pepita abrindo espaço e coisa e tal. Aí você vai tem a Liniker, num outro lugar mais indie. Surgiu a Urias... aí quando você vai vendo não tem mais só uma drag, uma cantora trans, um cantor gay... agora tem várias! E quando a gente chega à conclusão de que tem muitas, por mais que nem todos sejam top 1 no Spotify que explodem, não tem problema, porque é importante enxergar que tem elas estão ali! (DEPOENTE B, 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na vida cotidiana, a representatividade pode reverter o preconceito em uma maior sensibilização dos grupos opressores tanto em relação à marginalização de grupos sociais quanto à destituição de direitos das minorias. Além disso, quando temos todos os grupos bem representados e as pessoas conseguem ver que existem outras tão diferentes delas mesmas, passando por situações e experiências tão humanas quanto às delas, esse abismo diminui. A mídia, do seu lado, tem grande influência na forma como as pessoas enxergam o mundo e, por isso, é essencial que ela reconheça todas as vozes presentes na sociedade e dê o devido espaço a

elas. Uma vez que o potencial que isso gera para mudar positivamente a sociedade não pode ser desperdiçado e é importante, a representatividade precisa existir. Entretanto, esse é o primeiro passo. Para que possamos buscar uma sociedade que efetivamente invista na equidade de gênero e na eliminação de outras formas de opressão, fica nítida a necessidade de transcender a representatividade, na medida em que, a partir de sua autopercepção renovada no tecido social, indivíduos colocados como “abjetos” pertencentes à população LGBTQI+ possam buscar os meios políticos, legais e institucionais para a garantia de seus direitos e tenham os seus valores e manifestações culturais e artísticas cada vez mais respeitados, emancipando-se das relações heteronormativas e patriarcais que os submetem frequentemente a múltiplas formas de violência física e simbólica.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. 1.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2012. 328 p.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. 530 p.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 11.ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988. 176 p.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. 10.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. 102 p.

LOURO, Guacira Lopes. **Pedagogias da Sexualidade**. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 07-34.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Autonomia 22, 107, 109, 113, 114, 115, 116, 144

C

Câncer de pênis 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23

Creche 130, 131, 133, 134, 135

Criança 32, 34, 35, 36, 38, 40, 41, 42, 87, 130, 135, 138, 139, 141, 142, 143, 144, 145, 147, 148

Cuidados de enfermagem 16

D

Desigualdades 10, 37, 41, 54, 55, 60, 73, 77, 106, 113, 118, 119, 121, 122, 125, 126, 127, 135

Ditadura Militar 72, 73, 75, 76, 77, 80

Diversidade sexual 2, 1, 10, 26, 30, 32, 42, 49

E

Educação 2, 1, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 20, 21, 22, 27, 29, 30, 31, 32, 35, 36, 39, 41, 42, 56, 109, 111, 112, 117, 124, 131, 133, 135, 136, 141, 143, 146, 147, 149

Educação em saúde 15, 16, 18, 20, 21, 22

Educadores 135, 136, 137, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147

Educandos 137, 140, 147

Enfermagem 7, 9, 16, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 29, 30, 124

Escola 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 12, 14, 31, 32, 36, 39, 41, 42, 50, 83, 87, 131, 136, 139, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148

F

Família 6, 22, 24, 26, 27, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 45, 48, 54, 75, 84, 87, 110, 111, 113, 116, 117, 125, 126, 132, 138, 141, 142, 143, 144, 146

Família contemporânea 31

Feminismo 42, 55, 70, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 81, 92

G

Gênero 2, 1, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 23, 24, 26, 27, 28, 30, 31, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 51, 52, 55, 72, 76, 79, 80, 81, 82, 84, 86, 87, 89, 90, 91, 94, 95, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 124, 125, 126, 127, 128, 130, 131, 132, 133, 135, 136, 138

I

Igualdade 4, 10, 12, 44, 53, 74, 78, 79, 112, 113, 114, 135

Interseccionalidades 118, 122, 124, 127, 129

L

LGBTQIA+ 24, 25, 26, 27, 28, 29

Liberdade 13, 35, 46, 72, 73, 75, 76, 77, 78, 79, 81, 83, 92

Ludmilla 83, 84, 85, 88, 89, 91, 92, 94

M

Migrações rurais-urbanas 118, 122, 124

Militarismo 44, 45, 47

Modelo de parentalidade 31

Mulher 7, 8, 14, 37, 38, 41, 44, 46, 47, 48, 52, 54, 56, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 87, 90, 92, 94, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 121, 125, 126, 127

Mulheres 3, 6, 7, 8, 13, 14, 28, 38, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 55, 56, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 94, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129

O

Opressão 26, 35, 72, 75, 76, 77, 78, 81, 95, 110, 113, 125, 127, 138

Organização espacial 130

P

Pablo Vittar 83, 84, 85, 88, 89, 90, 94

Polícia 44, 49, 52, 55, 56

Políticas públicas 78, 79, 81, 107, 108, 109, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117

População LGBTQIA+ 83

R

Relações de gênero 1, 7, 10, 11, 31, 80, 120, 121

Representatividade 54, 83, 85, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95

Resistência 45, 47, 49, 52, 72, 77, 79, 80, 81, 85, 86, 108, 145

S

Sexualidade 2, 1, 7, 10, 30, 32, 33, 34, 36, 39, 41, 42, 46, 55, 86, 87, 91, 95, 125, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 145, 146, 149

T

Tabus 1, 22, 137, 139, 140, 145, 146

Trabalho doméstico 110, 111, 113, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 127, 128, 129

V

Violência sexual 77, 137, 138, 139, 140, 141, 143, 144, 145, 146, 147, 148

Visibilidade 10, 23, 107, 109, 116, 121, 127

EDUCAÇÃO SEXUAL, SEXUALIDADE E GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL: TRILHANDO CAMINHOS PARA UMA EDUCAÇÃO EMANCIPADORA

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

EDUCAÇÃO SEXUAL, SEXUALIDADE E GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL: TRILHANDO CAMINHOS PARA UMA EDUCAÇÃO EMANCIPADORA

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 